

EDITORIAL

“Há algo de podre no reino da Dinamarca!” disse Shakespeare na tragédia *Hamlet*, escrita entre 1599 e 1601. “Há algo de podre no Brasil e no mundo!” dizemos nós diante dos cenários que se nos apresentam nacional e mundialmente hoje em dia. De fato, a humanidade passou milênios acumulando conhecimento, colecionando experiências, sofreu com guerras, quase foi dizimada por catastróficas epidemias; depois de superar tudo o que lhe adveio através dos séculos, depois de promover a revolução industrial, depois de alcançar descobertas extraordinárias no campo da filosofia, ciência, medicina, astronomia, agronomia, depois de ver a tecnologia operar prodígios em todas as áreas, aquela que um dia pôde ser chamada de humanidade, promove atualmente um drástico retorno ao tempo das cavernas. A involução moral do ser humano, a inversão de valores, a decomposição do caráter, a intolerância religiosa racial e étnica, a violência, a exploração do homem pelo viés do lucro sem limites, etc. compõem o sombrio panorama do presente momento histórico. Sim, sem dúvida, há algo de podre, de sombrio, de catastrófico nos múltiplos quadrantes da nossa existência...

As crises mundial e nacional, representadas mais patentemente pelo crescimento dos governos de direita e pelo enraizamento da ideologia neoliberal em todos os lugares da sociedade, estão como a pedir uma releitura de Paulo Freire, principalmente no que diz respeito à amorosidade e ao sentimento de esperança. Ainda que muitas das ideias desse grande educador estejam sendo satanizadas pelos radicais e sectários, havendo até o risco de lhe tirarem o título de Patrono da Educação Brasileira, não existe como deixar de retomar os seus posicionamentos, fortemente sublinhando as seguintes palavras do mestre: “[...] “é preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo ‘esperançar’. Por que isso? Por que tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. ‘Ah, eu espero que melhore, que funcione, que resolva’. Já esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. *É ser capaz de recusar aquilo que*

apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperarçar!”¹ (grifos nossos)

Na diferença mesma entre esperar e esperarçar se coloca, hoje, uma bifurcação nos rumos para onde dirigir o trabalho dos educadores. Esperar, de braços cruzados, que as transformações por si só aconteçam no Brasil - e, por extensão, no planeta - é fazer com que a barbárie, a injustiça e/ou suas derivações se reproduzam e se fortaleçam ainda mais. Não! É preciso, como quer Paulo Freire, recusar, dizer não, robustecer atitudes de questionamento, reagir à contínua corrosão dos valores e dos afetos. É preciso restaurar o real sentido de humanidade, esquivando-se de uma fria e inocente convivência com aquilo que nos estremece, que quer nos brutalizar, quer nos destruir cotidianamente. É momento de esperarçar, de crer ativamente que é possível qualificar o nosso pensamento, refletir e produzir conhecimentos sobre a condição humana a partir de discursos específicos, inclusive o discurso científico que é feito circular através de periódicos, livros e outras mídias.

PROFESSARE, nossa revista, foi batizada a partir do verbo ‘professar’, cujo sentido fundamental é ‘preconizar, ter a convicção de’. Nestes termos e estabelecendo uma conexão direta com o ato de esperarçar, queremos reafirmar a nossa convicção ou fé de que publicar aquilo que vimos aqui rigorosamente publicando, interagir com outros pesquisadores através de textos de qualidade, escoar quadrimestralmente os resultados de estudos e das investigações nascidos em diferentes regiões do país, etc. nada mais é - ou nada mais faz - do que perspectivar a mudança, para melhor, da realidade brasileira e dessa maneira amplificar a esperança para os mais diferentes interlocutores.

Assim, sob o signo da esperança, Maria Isabel da Cunha, em entrevista que abre esta edição, tece considerações a respeito da formação de professores no Brasil e foca diferentes temas do dia, como EAD, TIC’s, violência contra professores, etc., sublinhando sempre as

1 Disponível em: <<https://joserosafilho.wordpress.com/2013/10/25/a-esperana-segundo-paulo-freire>>. Acesso em: 20 out. 2017. A este trecho sobre ‘esperança’ encontrado na internet, soma-se a uma reflexão mais longa e mais densa de Paulo Freire no livro *Pedagogia da esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido*, publicado pela Editora Paz e Terra em 1992.

expressões “professor aprendente” e “escola aprendente”, que ela tão bem caracterizou em outros de seus escritos. Eis aqui um trecho dessa entrevista que nos põe a refletir “Há muitas evidências que comprovam a crescente proletarização do magistério. Os baixos salários são uma parte desse fenômeno; mas as condições de trabalho, a meu ver, são tão ou mais impactantes nesse processo de desvalorização profissional. Não houve um investimento sério das políticas públicas para garantir a democratização do acesso à educação com qualidade e isso vem impactando o recrutamento dos jovens para essa profissão. Escolas com poucos recursos, desprovidas de segurança, de invisibilidade para as práticas responsáveis, de estímulos culturais que ampliem as experiências dos estudantes não constituem ambientes atraentes para novos profissionais”.

Também esperando, em “Reflexões sobre avaliação: o Enade para os cursos de Publicidade e Propaganda”, Gabrielle Staniszewski critica e lucidamente analisa o Enade, mostrando como essa avaliação se desvia dos rumos originais para os quais foi criada e como existe pouca articulação entre ela e o cotidiano acadêmico. Em certo ponto de sua reflexão, nascida de interessante pesquisa que escuta a voz dos estudantes de Publicidade e Propaganda, ela assevera: “Embora nosso olhar estivesse voltado apenas às provas de Publicidade e Propaganda, sabemos que tudo que constatamos [...] está relacionado não apenas com a formação de publicitários, mas com um sistema de avaliação do Ensino Superior que ainda não está bem resolvido, e que, por ser em larga escala, apresenta caráter muito mais de mensuração do que propriamente de educação”.

Dando salvas à esperança por melhores dias para a saúde dos brasileiros, Rosa Gomes dos Santos Ferreira e Jorge Luiz do Nascimento, no artigo “Ensino e formação em Enfermagem no Brasil: concepções pedagógicas e bases legais no ensino-aprendizagem”, relatam uma pesquisa articulada com a disciplina “Seminário sobre a problemática do ensino de enfermagem”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tratam de temas culminantes, relacionados à formação de enfermeiros com alto grau de consciência social. Revelam avanços na área, como a nova abrangência da legislação e o aumento de investigações na área. Uma das conclusões é que “[...] o projeto político pedagógico, para ser desenvolvido de forma integrada com as necessidades de saúde da sociedade, deve estar

alicerçado nas atuais diretrizes curriculares. Deve buscar, acima de tudo, explorar os conhecimentos advindos da prática em consonância com os adquiridos cientificamente através de construtos teóricos, com ênfase no SUS e na construção coletiva. A formação profissional não pode se ater aos conteúdos mínimos e limitados, porém deve garantir a liberdade na construção do aprendizado sem restrições, mas com discernimento, alicerçado no trabalho em equipe e na capacitação com consciência e ética. Assim, teremos enfermeiros capazes de cuidar do próximo com qualidade, humanização e integralidade da assistência”.

Abrindo um campo imenso de esperança às tribos indígenas do Brasil, Julie Dorrico desenvolve o trabalho “A educação escolar indígena no município de Porto Velho (RO): diagnóstico e proposições”. Em verdade, trata-se de uma reflexão de muito fôlego, contemplando quase todas as vertentes que perfazem a educação indígena em nosso país, seus avanços, seus retrocessos e seus desafios. Cremos que este artigo será rapidamente transformado em referência obrigatória a todos aqueles que se interessarem pela educação formal dos índios brasileiros, principalmente no que se refere ao delineamento de políticas públicas. Conclama a autora num determinado ponto da sua reflexão: “[...] é necessária a efetiva garantia, aos indígenas, suas comunidades e povos, do acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias. Cabe também à União apoiar técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas. Para isso, torna-se imprescindível que os programas sejam planejados com a audiência-participação de cada comunidade indígena.”

Andressa Castro Piori de Souza e Nair Ferreira Gurgel do Amaral sinalizam a esperança por emancipação da mulher brasileira no artigo “As novas identidade das princesas empoderadas na Literatura Infantojuvenil contemporânea”. O quadro teórico é rico e vasto, colocando junto as formulações de pensadores que tratam da literatura infantil, identidade, gênero, estereótipo e análise do discurso. Tendo como objeto de análise o livro “Procurando firme”, da escritora Ruth Rocha, as autoras vão destecendo as simbologias ali contidas para mostrar as transformações das personagens femininas, rompendo com os estereótipos clássicos presentes na literatura para a infância. Eis o cerne da questão nas palavras das autoras: “Enquanto os contos tradicionais trazem em seus enredos princesas delicadas, frágeis,

indefesas, completamente dependentes da figura masculina, as princesas pós-modernas são ativas, fortes, aventureiras, corajosas e já não veem mais o casamento como a única solução para os seus problemas. Os critérios de beleza também sofreram mudanças. Agora, as princesas não – obrigatoriamente - precisam ser magras, altas, de cabelos longos e louros, de olhos azuis, de pele branca”.

A esperança num paradigma alternativo para o trabalho educativo nas escolas brasileiras aparece no artigo “O uso da metodologia dos projetos criativos ecoformadores (PCE) no estágio curricular supervisionado do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - campus São José”, de Paula Alves de Aguiar, Maria dos Anjos Lopes Viella e Giselia Antunes Pereira. Neste trabalho elas descrevem três paradigmas para o ensino e mostram os bons resultados conseguidos com o paradigma ecossistêmico - ou sóciocrítico ou emergente - nas escolas onde a metodologia foi objetivamente assentada e devidamente assumida pelos professores. A experiência só poderia dar certo mesmo porque “[...] a metodologia que está amparada no paradigma ecossistêmico, no pensamento complexo, na transdisciplinaridade e na ecoformação pode ser assim caracterizada: a) representa um referencial de ensino e aprendizagem baseado na autonomia, transformação, colaboração e busca do desenvolvimento integral; b) parte dos interesses dos estudantes e de sua realidade, transcendendo o conhecimento científico, por meio do desenvolvimento de atitudes colaborativas, solidárias e conectadas com a vida; c) estimula uma prática educativa flexível e aberta às emergências que precedem sua aplicação e as que surgem durante seu desenvolvimento; d) fomenta a resiliência dos estudantes e dos próprios docentes, fortalecendo sua capacidade de transformar”.

Também esperando a curtição diversificada da Literatura, em “O ensino da leitura de Literatura na escola por meio da narrativa ficcional digital interativa viabiliza a experiência estética do educando?” Quédia Cabral Martins e Camila Morgana Lourenço fornecem subsídios preciosos para uma compreensão profunda das novas mídias e dos novos suportes por meio dos quais a ficção se faz circular em sociedade. Ainda que a pesquisa não caminhasse na direção da tendência esperada, não há dúvida que a digitalização da vida está aí e envolve a quase todos nós das sociedades letradas. Conclamam as autoras: “As narrativas de ficção digitais devem ser bem analisadas e seu uso planejado (caso o professor queira elaborá-las) para se constituírem num recurso de

enriquecimento estético e interatividade. Utilizar o computador como recurso pedagógico e propor atividades criativas e variadas a partir da utilização das narrativas digitais poderão vir a ser um aliado do professor”. E, pela pesquisa realizada, mostram que os professores têm de colocar dentro do nosso tempo a fim de aproveitar-se dos recursos digitais que estão presentes na vida em sociedade, principalmente dos nativos da internet.

Jason Prado, ex-diretor do Projeto Leia Brasil (infelizmente extinto), desafia o nosso sentimento de esperança quando mostra, com números, citações e estatísticas, a triste realidade da compreensão de leitura no território nacional. Na primorosa reflexão intitulada “Formação de leitores: uma reflexão sobre leitura e sociedade no Brasil”, o autor articula dados de diferentes fontes no sentido de mostrar o nosso atraso cultural na esfera da promoção da leitura e da formação de leitores. A linha histórica que representa os esforços de melhoria da leitura no país é bem cuidada, trazendo informações preciosas para um entendimento dos descasos com a nossa educação, cultura e escola. Para adensar a discussão do tema, Jason redescobre e ressignifica colocações pertinentes, feitas por Bourdieu e Passeron na famosa obra “A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.”, como esta “A escola toma a seu cargo as crianças de todas as classes sociais [...] e inculca-lhes durante anos, os anos que a criança está mais ‘vulnerável’, entalada entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado Escola, ‘saberes práticos’ [...] Por volta dos dezesseis anos, uma enorme massa de crianças cai na produção: são os operários ou os pequenos camponeses. A outra parte da juventude escolarizável continua: e seja como for faz um troço do caminho para cair sem chegar ao fim e preencher os postos dos quadros médios e pequenos empregados, pequenos e médios funcionários, pequeno-burgueses de toda espécie. Uma última parte consegue aceder aos cumes”.

Fechando a seção de artigos da PROFESSARE, mas abrindo ainda mais o horizonte da esperança, Ivan Ernesto Floriano, Letícia de Andrade e Allan Henrique Gomes apresentam o artigo “Olhares psicológicos: as adolescências e as influências da tecnologias da informação e comunicação sob a ótica de profissionais psicólogos/as”. As autoras conduziram entrevistas, dentro de um estudo exploratório, no sentido de “investigar o entendimento dos profissionais de Psicologia sobre as TIC’s e as adolescências e, ainda, as relações por elas mediadas.” Os

resultados apontaram para uma inquietação dos psicólogos perante as velozes transformações tecnológicas e, ao mesmo tempo, como elas têm afetado a vida dos adolescentes. Uma das conclusões que muito chama a atenção foi o fato de que “[...] foi possível perceber que as visões das adolescências, presentes nas falas dos profissionais, ainda apresentam fragmentos de uma visão naturalizada. Este fato indica que as naturalizações ainda circundam os discursos desses profissionais”.

Esta edição ainda traz uma resenha sobre a obra “Elementos de Pedagogia da Leitura”, de Ezequiel Theodoro da Silva, escrita por Simone Padilha e Marcione R. Nunes. O arremate fica por conta da apresentação dos resumos de quatro dissertações defendidas no quadrimestre por estudantes do Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade da UNIARP.

E porque pelo menos dois dos trabalhos selecionados para este número de PROFESSARE falam da experiência estética, cabe trazer um pouco de Clarice Lispector para revigorar o nosso olhar e assim poder enxergar, mais claramente ainda, o poder do ato de esperarçar:

Sonhe com o que você quiser. Vá para onde você queira ir.
Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida
e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos.
Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldades
para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E
esperança suficiente para fazê-la feliz.²

Ezequiel Theodoro da Silva
Ludimar Pegoraro
Caçador, SC, agosto de 2017.

2 Disponível em: <https://www.pensador.com/poemas_de_esperanca/>. Acesso em: 22 ago. 2017.

